REVISTA

DA

ACADEMIA LITTERARIA

N. 10. JULHO DE 1863. ANNO III.

BIBLIOTHECA NACIONAL RIO DE JANEIRO

DISCURSO

pronunciado pelo Orador do Recreio Instructivo na Sessão Magna do Ensaio Academico, em 24 de Junho de 1863

N'esta terra americana, onde a liberdade é o cantico eterno que entoam as florestas, no meio d'esta natureza viçosa, onde as montanhas alcantiladas reclinam orgulhosamente seus escarpados cabeços em cochins de nuvens e neblinas, onde as arvores altaneiras e frondosas são gigantes que parecem querer escalar o céo, onde o estrepito horrisono das cataractas é a voz medonha de nossos sertões, onde o sôpro dos tufões é o respirar do gigante de Santa Cruz, o homem não poderia deixar de soffrer a influencia d'esta natureza privilegiada, não poderia deixar de ser grande como ella.

Qu'importa que alguem tenha dito que no Brasil tudo é grande, excepto o homem?

O territorio brasileiro, a epopéa mais sublime do Creador, não poderia produzir filhos, cujos corações não fossem capazes de sentir a poesia magestosa de suas mattas, cujas intelligencias não comprehendessem as vozes rusticas de seus rios e cataduppas. Contemplai esse vergel immenso que se chama Brasil, onde o espirito do homem difficilmente concebe a existencia do Ente Supremo, porque não comprehende a coexistencia de duas perfeições: tudo ahi é bello, tudo é grandioso como um poema. O cantar melancholico das aves, o rugir medonho das féras, as gratas canções das auras segredando com as flôres, os bérros das ventanias nas fragas das serras, os vagidos singelos dos regatos, os gritos raivosos dos rios arcando peito a peito com o oceano; tudo fórma um composto de poesia illiaca e ao mesmo tempo suave como as cantilenas dos camponezes; o hymno de guerra ahi se ouve conjunctamente á musica lhana das hosannas religiosas.

Não param aqui as sublimidades da nossa patria. Não vêdes as estrellas sem numero que matizam nosso céo? São as lampadas do

infinito suspensas no zimborio d'este templo grandioso, são os raios do olhar ávido do Creador, que contempla admirado a perfeição de sua obra. Não vêdes que aqui o astro da noite se reveste de mais encantos que em outros climas? Não vêdes como busca risonho as cimeiras nevoentas de nossos montes? E' que aqui estão seus amores, é que aqui tudo é mais bello que lá nas regiões frigidas da vetusta Europa.

E é aos filhos d'este paiz, que vivem desde a infancia n'uma esphera de harmonias e flôres, que se vem dizer: não sois grandes? E' a elles que se vem dizer: sois menos que as vossas mattas, menos que os vossos montes, menos emfim que a natureza inerte e inanimada? Felizmente a nossa historia desmente este paradoxo insultante.

Não! não póde ser pequeno o homem que se embalou em um berço de gigante, não póde ser pequeno o homem que nasceu á sombra de nossos coqueiraes altivos e de nossos jiquitibás colossaes, não póde ser pequeno o homem que baptisou-se nas aguas do Amazonas e do S. Francisco, não póde ser acanhada e fria a fronte que um dia beijaram os raios ardentes do nosso sol, não póde ser escravo o homem que vio a luz no templo da liberdade! Não, o Brasileiro é grande, porque o gigante não póde gerar o pigmeu; é ardente, porque não ha gelo debaixo do sol dos trópicos; é livre, porque a liberdade não póde produzir a escravidão! O Brasileiro é grande como a sua patria!

A ignorancia, é verdade, ainda impera sobre grande parte das massas, mas que quereis? O Brasil é tão grande como novo; e é á geração presente que cabe a sublimada tarefa de diffundir as luzes na terra de Santa Cruz! Ainda não ha meio seculo que o grito da independencia arrancára o nosso bello paiz aos ferros lusitanos; e entretanto quantos nomes gloriosos já ornam a historia do novo imperio! Os Andradas, os Cayrús, os Vergueiros, os Evaristo da Veiga, os Paranás e tantos outros vultos titanicos na sciencia, na politica e no jornalismo são nomes que patenteiam ao mundo as glorias do nosso passado ainda tão curto! São figuras venerandas que marcam as mais brilhantes phases da nossa carreira na civilisação do seculo! Olhai em torno de vós, e vereis que a geração presente ainda não marcou os nomes de nossos illustres maiores.—Octaviano, Justiniano da Rocha e Saldanha Marinho, os luzeiros da imprensa brasileira, em nada tem que invejar as pennas de Dumoulin, Loustalot e Carrel!—Na poesia Gonçalves Dias, Magalhães e Porto-Alegre dedilham com igual destreza a lyra de Basilio da Gama e Santa Rita do Durão. Azevedo, Junqueira Freire e Casimiro, pobres crianças mortas ao nascer! Loucos e infelizes mancebos! tiveram a desgraça de ser poetas e poetas genios! Parece que a Providencia temêra que a terra se

abrazasse ao fogo de seus craneos volcanicos, e eil-os que morrem, quando despediam os primeiros raios de suas intelligencias, quando arrancavam os primeiros cantos ás fibras de seus corações!

. . . . . .

E ainda se nos dirá em face d'estes bustos magestosos que no Brasil tudo é grande, excepto o homem?! Eis, meus Senhores, como o Brasil protesta contra a pecha ultrajante que nos lança o orgulhoso estrangeiro!

A mocidade academica não tem deixado por seu turno de dar um desmentido energico ás palavras do insolente escriptor. E' em nossas Associações litterarias que se alimentou a maioria d'essas intelligencias robustas que me ouvistes citar. A mocidade, a forte phalange do futuro, tambem ressente-se do choque electrico do grande movimento civilisador do nosso seculo. Cada anno marca o apparecimento de uma nova cohorte de vigorosos jovens que vem tomar parte na grande Cruzada da verdade contra o erro, da sciencia contra a ignorancia. E' assim que corria vagarosamente o anno de 1861; as nossas Associações dormitavam á sombra de suas glorias, quando foram despertadas por cantos e hymnos marciaes. Era um grupo de voluntarios que vinha reforçar as suas legiões, era uma constellação que surgia fulgurante no nosso firmamento. O Ensaio Academico estava creado. E tem crescido, e tem progredido a filha de vossos esforços: eil-a que hoje festeja as suas conquistas, eil-a que hoje cinge a corôa do triumpho!

Srs. do Ensaio Academico, muito tendes feito já; mas largos horisontes ainda se desdobram diante de vós; muito vos resta a fazer. O Brasil é grande, vos dissemos: nossos campos repousam mollemente como o leão das brenhas, ostentando a sua coma de verdura, impregnada dos mais subtis e variados aromas; as ramas de nossos bosques são cordas de uma lyra, que vibram incessantemente as solitarias brisas; nossos ribeiros brincam gentilmente com os diamantes de seu alveo e passam beijando risonhos as hastes mimosas de nossas flôres; nosso solo descança sobre camadas de prata e ouro; nossas montanhas assentam sobre thronos de granito; nossos rios correm sobre um leito de esmeraldas e perolas: estrellas no céo, estrellas na terra! que quereis mais?! Deos ministrou-vos todos os meios, deu-vos intelligencias vigorosas: a vós compete dissipar as trevas da ignorancia em que jaz submersa a população; a vós compete igualmente a consolidação das instituições livres, rasgando da nossa legislação a pagina negra que a macula,—a escravidão. Caminhai e trabalhai pois para conseguir o nobre fim de vosso sagrado apostolato; e em nome do Recreio Instructivo, salve, companheiros de lutas; até ao campo da peleja!

Joaquim Antunes de Figueiredo Junior.

DIREITO PUBLICO

Da democracia (*)

II

Os publicistas da Revolução de Julho de 1830, apreciando a grande conquista da Inglaterra em a expulsão de Jacques II continuador da politica infame de seu irmão Carlos II, que de algum modo tinha abolido ou mutilado a carta (1), um dos grandes paradeiros que tem offerecido esta intelligente Nação ás lutas invasoras das ideias novas e subversivas, e tendo a vista em posse de um governo livre, tentaram realisal-o em França, pois a Revolucão de 1789 não tinha podido completamente destruir os elementos da antiga sociedade franceza (2). As tradições e as ideias, a historia e a philosophia ião formar uma grande alliança, em que ganharia o povo em energia e prudencia (3). Os publicistas tinhão reconhecido este principio: « Quando os factos antigos e respeitados dirigem o homem sem escravisal-o e o conteem sustentando-o, elle póde caminhar e elevar-se sem que corra o risco de se deixar arrebatar pelo voo temerario do seu espirito, para deixar-se quebrar contra cachopos desconhecidos, ou se entorpecer de cançaço » (4). Comprehendendo a liberdade necessaria á França trataram de darlhe uma constituição, entendendo por esta palavra a « collecção de regras immutaveis, garantias fixas, invariavelmente applicadas » (5), que não desconhecedora do passado tivesse ante si o garantir o futuro. Recorreram ao grande quadro da historia e ahi apreciaram o caminhar da humanidade progressivo ainda que lento (6), e as differentes lutas havidas entre a liberdade e a oppressão, entre o erro e a verdade.

Divergencias porém ao depois de havidas entre os fundadores d'este governo que teve a fraqueza de consentir que seu rei se chamasse Luiz Phelippe 1.° e não Luiz XIX, como para de algum

(*) Vide o n.° 9 desta Revista.
(1) Guizot Discours sur l'histoire de la révolution d'Angleterre.
(2) Guizot Démocratie en France.
(3) Guizot Etude sur Washington.
(4) Guizot Etude cit.
(5) Capefigue Histoire constitutionelle administrative de la France.
(6) Aug. Thiery lettres sur l'Histoire de France.

modo quebrar este grande passado (7) glorioso da França de outr'ora em que alguns dos seus reis fôrão os primeiros a lançar pedras para construcção de um edificio futuro, promettedor de tão salutares garantias, e o não assentimento a essas regras pelas quaes sempre é uma Nação governada, e a que todos os Estados Europeos, por mais despoticos, tem-se sempre sujeitado, fizeram de algum modo baquear este governo, nascido da luta e que por sua fraqueza historica offendêra os partidos francezes procurando concilial-os sem usar para isso de uma fusão.

Os Estados têem sempre comsigo certas regras a que se sujeitão os seus soberanos. A Russia e o Imperio Ottomano não são tão arbitrarios como suppõem aquelles que sómente argumentão pelos abusos, factos anormaes que se pódem dar em as sociedades as mais bem e mais legitimamente constituidas. O Imperio Russo apezar do governo absoluto tem um conselho, um santo synodo, leis, juizes, etc., que tudo serve para dirigir a sua administração. O distincto imperador Alexandre, continuador das glorias da czarina Catherina II, e praticando o que ella projectára em 1811 proclamou o principio, ha tanto sentido, da superioridade das leis sobre o soberano. E com effeito, depois da substituição do legal ao arbitrario, a Russia começou a figurar entre as grandes Nações Europeas, e seu futuro se achou e achar-se-ha em demasia garantido pela sua prosperidade e florescimento.

O Imperador Ottomano não póde ir além do que lhe consente o Koran, e para que basta recordar-nos da resposta de Koproli-Niuhman, grande visir, que tendo recebido ordem do sultão Achmet III para levar sommas que se fazião precisas para o sustento da guerra contra o Czar: « Invencivel senhor, teus subditos não pódem ir além do que lhes prescrevem a lei e o propheta. »

Consultando os annaes da França veremos a evidencia da proposição dos escriptores que sustentão que sempre certas e determinadas regras dirigiram os actos da realeza desde a elevação dos Hugo-Capetos (8). O conhecimento historico a este respeito sediço a todos, e a grande obra do distincto Capefigue obrigão-nos ao silencio.

Se não houvessem estas grandes divergencias e se o consentisse que sempre o seu governo fosse dirigido pelo sabio Guizot, « uma das primeiras cabeças, senão a primeira, da França » (9), cujos conhecimentos historicos exigem a mais completa fé, estamos convictos de que produzira o fim almejado. As garantias politicas e as

(7) Dézobry et Bachelet—Dictionnaire general d'Histoire et de Geographie art. Louis Phelippe.

(8) Capefigue—Histoire Constitutionelle et administrative de la France.

(9) Alexandre Herculano.

resistencias parlamentares dos povos se achão esparsas em os seus annaes, e só tomando-os cuidadosamente e fazendo-se a applicação devida á sociedade actual é que poderáõ os Estados progredir. As idéas novas, as convicções sinceras devem ser apreciadas e respeitadas (10), porém nunca o legislador desconhecendo que a mais bella garantia á encontrar-se, é « reunir a energia da mocidade á magestade de um passado immemorial » (11).

A Inglaterra com a sua prudente Constituição é a prova a mais convincente que encontramos, pois são grandes os resultados produzidos e que quasi todos falhão em outras que têem regido os diversos Estados Europeos (12).

As diversas leis antigas onde se achão inscriptas as bellas e distinctas prerogativas dos cidadãos não pódem deixar de influir sobre as Constituições. E' assim que um distincto publicista inglez referindo-se á parte que a Magna Carta exercêra sobre a Constituição, diz-nos que esta está para aquella como « o arbusto para a arvore, como a criança para o homem » (13).

E' erro perigosissimo ante os principios de direito publico e uma grande falta ante os annaes da historia desconhecer a grande lei que guia as gerações humanas. A liberdade não é filha d'este ou d'aquelle seculo. A Providencia distribue os seus dons á todas, nunca desherdando umas em favor de outras. Em todos os seculos se encontra a lucta entre a verdade e o erro, entre a liberdade e a oppressão (14).

Não deve o espirito humano deixar-se levar por essa erudição parcial de que se servem certos escriptores, pois que então seria em erro, e em a impossibilidade de bem apreciar a marcha progressiva do espirito humano e das liberdades publicas. Os historiadores francezes usando de um estylo bello e pomposo servem-se quasi geralmente da historia como de um dos meios de melhor patentear as paixões em elles predominantes e justifical-as, como se por acaso esta sciencia tão sublime se podesse prestar á loucos caprichos. A historia, já o disse alguem (15), « narra como um velho as differentes phases da vida », não procura o fogo da mocidade, mas sim as cans da velhice como que para denotar a imparcialidade e frieza dos factos, e as consequencias que delles boas ou más decorrem quando bem ou mal interpretados.

Proclamão os francezes a revolução de 1789 como resurgindo repentinamente, como uma nova era, e assim esquecem-se comple-

(10) Montalembert—Discours politiques.
(11) Lord Macaulay—Histoire d'Angleterre depuis l'avénement de Jacques II.
(12) Lord Macaulay—cit.
(13) Lord Macaulay—cit.
(14) Guizot—Gouvernement Representatif.
(15) Pedro Parley—Historia Universal.

tamente «esse passado da França, essa opposição em o feudalismo armado, em os estados geraes, em a burguezia, em o clero, em os parlamentos, e em as corporações!» (16). Se por acaso se dessem ao trabalho de lêr attentamente os annaes de sua historia desde o reinado de Philippe Augusto, e as memorias concernentes á França colligidas pelo sabio Guizot ahi verião a verdade que avançamos, e o erro em que labutão.

A leitura desses annaes, dessas memorias bem como a dos outros povos faz reconhecer que a prosperidade que de dia em dia vai tomando novas e grandes proporções, exige a attenção daquelles que se dedicão ao bem e á felicidade do Estado, e a preferir conscienciosamente as consequencias de uma administração que por peior, nunca accarretará consequencias tão funestas, pelo menos proximas, como as sedições, as insurreições. A Inglaterra, Nação unica, onde se tem continuamente procurado identificar o interesse nacional com o individual caminha de um modo sensato e prudente que sempre produzirá os fructos os mais desejaveis. Ella tem comprehendido a desordem immensa e muitas vezes desconhecida que inflingem aos Estados as revoluções, e apreciado os grandes crimes, os grandes males que sempre as acompanhão repellindo-as até a ultima, e quando por acaso as emprega é como remedio eminentemente necessario a que não se podia furtar (17). A revolução de 1688 é uma dessas que honrão a briosa Nação, e não semelhante á de 1640 em que se vio cahir a cabeça de um rei, tinha sido pelo contrario um acto brilhante de defesa. As explosões das paixões humanas, o interesse immundo da populaça que aproveita do Estado em estas occasiões como de uma praça entregue ao saque, o furor dos que pretendem levar suas mãos sacrilegas e infames até os mais sagrados objectos não fôrão attendidas. Os homens não quizerão elevar-se á altura de creador como em França em 1791, mas sim estabelecer devidamente as garantias publicas, honra e vida do Estado, e segurança dos cidadãos.

O principio whig esquecido appareceo em todo o seu vigor e a Inglaterra desde então pensa que «os reis são feitos para os povos, e não os povos para os reis; que o direito divino do rei não tem outra significação que o direito divino d'um membro do parlamento, d'um juiz, d'um headborough, d'um funccionario qualquer; que emquanto o principal magistrado governa conforme as leis, deve ser obedecido e respeitado; que quando viola as leis, deve-se-lhe resistir, e que quando as viola systhematica e obstinadamente deve ser deposto» (18).

(16) Capefigue—ouvr. cit.
(17) Guizot—Discurs sur l'histoire de la révolution d'Angleterre.
(18) Lord Macaulay—Histoire du règne de Guillaume III.

A attenção dos publicistas e dos estadistas a deve prender á resolução do problema, ha tantos seculos suscitado, da liberdade e da authoridade, da ordem e do movimento (19). Essa resolução porém para que possa dar o resultado feliz necessita de ligar-se muito ao passado, ás instituições, monumentos que o tempo tendo respeitado não devem ser abalados pelo simples e louco capricho da populaça.

O passado nunca poderá ser esquecido.—Que importa que um d'esses parlamentos ephemeros da dictadura de Cromwell quizesse queimar os archivos da torre de Londres e destruir os monumentos da velha Inglaterra se o passado escarnecendo dos loucos tinha suas largas raizes estendido por entre as classes sensatas (20).

Os homens pretendem dominados por uma vaidade toda individual levar avante os seus designios como se a Providencia não estendesse suas justas vistas sobre o universo, e para gloria e salvação da humanidade não «os levasse de inconsequencia em inconsequencias, não só em seus pensamentos, como em suas combinações» (21). Succede isso mui principalmente quando cerebros esquentados pelas ideias revolucionarias e equalitarias pretendem vêr em acção as do communismo, socialismo etc. não entendidas ao ponto de caridade. A Revolução de 1848 é uma dessas provas que faz calar o mais obstinado e leva a convicção ao pyrrhonico que descordava de nossas ideias.

Não ha pessoa alguma que não se enthusiasme e não respeite a Inglaterra repulsôra dos planos dos *nivellers*, e que recobrando as liberdades e recordações entrou em a carreira de gloria e prosperidade que tanta e tal inveja causa aos de 1848 da França que mordem os punhos por vêl-a caminhar impavida e indifferente ao movimento francez, e se conservar em a attitude do dever.

S. Paulo,—Julho de 1863.

(Continúa.)

O. Conrado Niemeyer.

DIREITO PUBLICO

Qual o melhor systema de eleição?

O homem isolado, diz um publicista, é uma utopia, um sonho de imaginação que não encontra realidade,—o seu estado natural é o da associação;—que o atteste o viandante que em sua vida

(19) Montalembert—De l'avenir politique de l'Angleterre.
(20) Guizot—Histoire de la République d'Angleterre.
(21) Guizot—Memoires.

de perigrinação vai á esta ou aquella parte do globo; por toda a parte encontra homens civilisados, barbaros e selvagens; por toda a parte encontra tambem um quer que seja, emblema do amor da especie, do instincto social. Nem de outro modo o poderiamos conceber; lançado no mundo pelas mãos do creador, o homem trouxe comsigo uma missão a cumprir aliás em tudo superior á dos demais seres, e como poderia elle leval-a ao fim, se na luta desigual emprehendida contra as forças fataes da natureza não tomassem parte os da mesma especie? A sociedade pois é necessaria, mas com quanto assim seja, jámais poderá ella attingir o elevado fim a que se propõe—o desenvolvimento e a felicidade do homem,—sem que todos os seus passos na senda, que é chamada á trilhar, não sejão de conformidade com certas e determinadas medidas tomadas por uma fórma de governo que lhe sirva de abrigo.

Se é verdade que a melhor fórma de governo é aquelle que mais de conformidade marcha com os principios da razão da verdade e da justiça, nos diz Sturart Mill, achar-se n'estas condições o governo de todos por todos; mas como o mais das vezes acontece que uma sociedade não tenha apenas por limites as muralhas que a cercão, o que de alguma maneira obstaria a que todos podessem tomar uma parte bastante activa nos negocios publicos, segue-se, ainda no dizer do mesmo escriptor que o typo da melhor fórma de governo é o representativo, onde não só é representada a maioria, como tambem a menoria.

Ora se a opinião do illustre publicista, a qual expendemos, de maneira alguma póde ser taxada de erronea, não o póde ser tambem a de Cormenin quando diz ir buscar o governo representativo o seu fundamento do principio eleitoral, uma vez que não é esta especie de governo outra cousa mais que um expediente tomado para fazer reinar a democracia nos estados de grande territorio por meio de um corpo em cuja eleição jámais a menor excepção possa ter lugar entre aquelles que querem ser representados. A lei natural não marca pariás; todos são iguaes, todos têem os mesmos direitos, e portanto é justo que de maneira alguma sejão repellidos da urna eleitoral aquelles que por meio de seus suffragios tiverem de escolher os seus representantes, salvo quando contra algum d'entre elles exista alguns d'esses motivos positivos, filhos muitas vezes do estado de cousas, dos quaes não são elles mais que méras consequencias.

De accordo com as ideias que acima temos, a maior parte aquelles que a um tal respeito tem escripto, com tudo divergem sobre a maneira pela qual tenhão os componentes de uma sociedade de pol-as em execução; o que dá lugar a dous systemas, que comquanto se dirijão ao mesmo fim, comtudo applicão para isso meios

diversos. Sustentão alguns que o melhor systema, modo pelo qual possa ser posto em exercicio o principio eleitoral seja o indirecto, outros porém tomão a arena contraria. Desde já nos declaramos partidarios do systema directo pois que reconhecemos que esse modo de filtrar o suffragio popular, na phrase de Stuart Mill, não redunda em beneficio algum para a sociedade, mesmo quando se diga ser elle um paradeiro a esses transportes apaixonados de que vemos muitas vezes ser o povo susceptivel.

Para que os resultados bons, que offerece o systema indirecto possão ser colhidos, necessario se torna que seja posto em execução no verdadeiro espirito sob o qual tivera sido concebido; necessario é, como muito bem diz o publicista citado, que o povo não se preoccupe quer de opiniões, quer de homens politicos, porém que apenas seja levado por uma determinação conscienciosa de satisfazer um dever que lhe é imposto por uma lei expressa, elegendo um corpo, que, melhor conhecedor das necessidades publicas, obre em seu lugar.

Ora, se o povo que é chamado a dar o seu voto, segundo um tal systema, nada mais tem que o cumprimento de um dever, se aquelles que o tem de representar não são os seus eleitos, porém sim os d'esse corpo intermediario, se a participação dos negocios publicos d'esta maneira se furta á sua influencia, claro é que o governo representativo não marcha de conformidade com o seu ideal, por isso que já o dissemos não ser elle outra cousa mais que um expediente tomado para fazer reinar a democracia nos estados de grande extensão. A ausencia do espirito publico, da intelligencia politica, da curiosidade e interesse que pelos afazeres geraes tomaria a sociedade, não será mais que uma consequencia necessaria de tal systema. O indifferentismo apoderando-se assim do povo fará com que a opinião publica deixe de apparecer em todo o seu vigor no parlamento, e d'esta maneira com immensos embaraços terão de lutar aquelles que, segundo ella, tiverem de medir seus passos.

Se consultarmos a historia, em cada uma de suas paginas encontraremos exuberantes provas, que mais confirmão a asserção que temos avançado. Todos esses paizes de que se compõe o continente europeu, com excepção daquelles onde desgraçadamente não existe o governo representativo, por uma fatalidade qualquer, dão conta bastante satisfactoria do que tenha sido para elles o systema directo de eleição, pelo qual, como já o disse alguem, o paiz póde estar certo da effectiva e real intervenção, que elle deve ter no seu proprio governo, exercendo no seio do poder uma acção directa, e sem intermediarios por meio da nomeação immediata de seus representantes no parlamento nacional. Temos ainda, não querendo sómente appellar para a Europa, este bello

continente americano, onde a mão de Deos parece ter gravado todas as condições de um porvir de glorias. Aqui e alli a civilisação tem grassado a passos gigantescos, a opinião publica tem deixado de ser uma vãa chimera, e tudo porque não tem sido roubado ao povo esse direito sagrado de immediatamente designar aquelles que devão ser os seus legitimos representantes, salvo por esses lugares onde é elle aventurosamente julgado ainda criança para o não saber pôr em execução.

Nem se diga que o atrazo em civilisação em que muitas vezes póde se achar um povo, é um obstaculo levantado ao systhema directo, pois que, comquanto reconheçamos que muitos delle pódem não conhecer de uma maneira á desejar quaes devão ser os seus eleitos, não lhes podemos porisso negar o bom senso para saberem daquelles, que seus conhecidos honrados e probos, lhes possão indicar aquelles aos quaes devão dar os seus votos, preenchendo assim os seus deveres, sem que se achem obrigados por uma lei qualquer a não conhecerem quaes os seus representantes, o que em uma nação livre deve merecer alguma attenção.

O atrazo de civilisação é muitas vezes consequencia immediata do abandono em que se acha este meio de intervir sempre o povo no seu proprio governo, imbuindo-se porisso na indifferença e descrença no que diz respeito a negocios politicos, jámais podendo mandar ao parlamento onde se sentão os seus representantes o idealismo predominante, sem o qual com bastantes difficuldades, como já ficou dito, hão de luctar aquelles que segundo elle tiverem de tomar medidas necessarias a prol do paiz. Na verdade, como já o disse alguem, não podemos conceber como desconhecendo os representantes de uma nação, qual seja o seu verdadeiro idealismo, possão elles alguma cousa determinar, e que isto traga comsigo alguma utilidade; o mais das vezes tendo como real aquillo que só o é em apparencia, tomarão medidas que em vez de salutares augmentarão a enfermidade que procuravão sanar.

Sem mais considerações a respeito da questão sobre a qual tomamos a liberdade de emittir a nossa fraca opinião, concluiremos dizendo: que o melhor systema de eleição é aquelle pelo qual o povo directamente elege aquelles que ao parlamento devem levar a opinião publica tal como é; e não apenas uma sombra do que ella seja, como acontece pelo emprego do systema indirecto que, apezar de ir contra todos os principios de um governo representativo, é tambem uma arma poderosa nas mãos daquelles, que amigos pretendidos da ordem, nada mais querem que o dominio.

S. Paulo, 2 de Julho de 1863.

Herculano de Figueiredo e Souza.

LITTERATURA

A Samambaia—Lenda

PROLOGO

O que é a religião? Será a piedade? Será a devoção?

Não é a primeira porque não é a—caridade.

Não é a segunda porque não é a—esperança.

A religião é a—fé.

A fé—crença. Esta constitue aquella; aquella é esta.

Crê-se sem mais pensar. Crê-se sem analyse, sem discussão, crê-se porque se crê, porque se quer crêr.

A fé é a exclusão da razão. A religião é a—exclusão da razão.

Vê-se: os principios succedem uns aos outros. Nada é mais logico, nada mais racional.

Fé,—esperança,—caridade. Erro, absurdo!

—Atheo! impio! immoral! corruptor de costumes!

Vejamos.

O que veio primeiro? A religião? A moral?

Se a religião, a moral, que seguio-a, não lhe podia ser igual; seria differente.

Se a moral, a religião, posterior á ella, viria alteral-a;

Se assim não fosse, para que um novo nome, uma nova apparencia. Seria banalidade. A conclusão é terrivel!

Juntas não poderiam ellas nascer, salvo sendo differentes, porque eguaes seriam identificadas n'uma ou—religião—ou—moral.

Escolhe, pois, perseguidor do atheo, qualquer das tres hypotheses. Eis aqui o que eu concluo: a religião não é moral, a moral não é religião. Inferi, pois, o irreligioso é moral; immoral é o religioso.

Que seguir então? A religião ou a moral?

Que querer ser? Crente? Philosopho? Atheo ou devoto?

Decidi! pronunciai entre Scylla e Carybdes.

Se és um, és hypocrita; se outro, libertino.

Terrivel escolha!

Ahi vai no entretanto:

Se a religião fosse uma, tanto na essencia como na fórma, facil teria sido a decisão; sob mil fórmas, porém, se apresenta ella: o sol, a terra, as plantas, os astros, os animaes.

A madeira mesma é um Deos.

Os que despedaçam o bezerro de ouro, elevam ao altar a estatua de gesso ou de marmore.

Um crucifixo substitue a imagem de Jupiter Olympico.

O ser supremo, que se revelou como creador, é depois conservador, e emfim destruidor. E' Brahma, Vichnou, e Siva. E' a terra, a agua, o fogo.

Tres elementos distinctos tirados do seio da natureza!

O principio é bello!

E' poetica a lição!

Fo-hi faz nascer o sentimento religioso da piedade filial. Somos filhos do céo, adoremos nosso pai.

No Egypto, ameaçados pelo Nylo e pelo deserto, pela agua e pela areia, acham-se os habitantes entre a vida e a morte.

A vida e a morte!

O que é senão uma transformação, uma mudança?

D'ahi, na sua religião, a idéa predominante de methamorphoses e de emanações progressivas.

Ather torna-se Neith, Neith torna se Isis.

E' que do cahos, da noite profunda,—Ather sahio.

Neith, espirito industrioso, que deu—Isis, natureza fertil e fecunda.

Mas Baal, o sol, gera Ninus, seu filho, que o faz ser adorado.

Semiramis foi filha de Derceto, salva pelas pombas; Derceto era uma deosa.

Mas da bella Veedjo nasceu o touro, origem da raça humana.

Ormuzd e Ahriman: o principio bom, e o máo principio.

Dehemehid! o Deos!

Zoroastro completa a obra revelada de Dehemehid. Yzeds e Deos continuam: os bons e máos anjos.

Mas o povo Israelita abate os muros de Jerichó ao som das trombetas, e Jehovah é adorado.

Mas Juniter, Juno, sua irmã e esposa, Neptuno, Plutão, Marte, Venus, Diana, se elevam soberbos dos seus altares, e exigem do povo o sacrificio da victima para apaziguar a sua cólera.

Socrates tenta derribal-os. A sicuta termina os seus dias.—Queria uma religião de accordo com uma moral!

Sentenciado, morreu aquelle, que escolhêra ser nutrido no Prytaneo, trinta dias depois Estava de volta o navio, que tinha ido levar a Delos as offerendas dos Athenienses!

Apparece o Christo, Nazareno, o filho de Deos, o filho da Virgem. Como Moysés, como a filha de Derceto, é salvo milagrosamente dos furores de Herodes.

Caiphaz o faz morrer.

Schisma grego.

Hichos, Odenath, Mohammed, Wahobitas, Luthero, Calvino e outros.

Mil fórmas, pois!

Que direis agora? Que direis depois, quando souberdes que todos esses cultos se misturam uns contra os outros, e que a espada e o gladio procuraram sempre proselytos.

Vêde a historia.

Ahi estão as guerras dos hebreus contra os idólatras, as guerras dos christãos contra os christãos mesmos, e Mohammed querendo que sua doutrina triumphasse sobre as outras por meio da força.

Exercitos eram os apostolos das verdades.

Cruzadas! pagina negra e infame da humanidade!

Que direis agora?

—Felizes, mil vezes felizes aquelles, que combatem por Deos!

—Insensato! é por Deos que elles combatem?! em suas lutas honram elles ao principio divino?!

Não! Nunca os homens combateram por Deos; combateram aquelles, que o não adoravam como elles, combateram por sua opinão, combateram por si.

Temerarios invocavam o nome de Deos para cobrir suas torpes e vergonhosas questões!

Que seguir, pois?

Continuemos ainda:

Uma observação importante ao que se leva dito é que de todas as religiões enumeradas, uma só não ha em que os sacerdotes não procurassem dignidades, posições altas.

Suas castas eram castas privilegiadas.

Houve um tempo em que os sacerdotes tinham uma religião, e o povo outra; mas este aprendia d'aquelles.

A historia que atteste o escandalo! Os sacerdotes ensinavam uma mentira, ou seguiam uma mentira, conhecendo-a, ou uma e outra religião nada tinha de verdade.

Ainda mais:

O povo era atirado ao lado, tratado como cousa!

Não se lhes ensinava leis nem costumes!

A sciencia, concentrada nos padres, estes manejavam-na machiavelicamente!

Serviam-se da astrologia para firmar os seus caprichos!

Consultavam oraculos, e elles mesmos respondiam ás suas perguntas!

Joias, ricas dadivas eram consagradas á divindade, e elles subtrahiam-nas, e faziam com que o povo credulo se capacitasse de que o seu idolo se regozijára com a offerta, levando-a para a sua celeste habitação!

Os successores d'aquelle, que proclamava que os ferros dos escravos haviam de quebrar-se, favoreceram a entrada dos Francos

na Gallia, onde estavam os Druidas, com quem queriam acabar para pelo terror dominar o povo, e tinham elles mesmos escravos, servos vassallos!

E eram os chefes dos Ministros de Deos!

E eram os bispos de Roma!

Obrigando o Rei á continuas praticas religiosas, subtrahiam-lhe a acção do governo, e tomavam a si o commando.

Ordenavam as macerações, e os jejuns, que embruteciam e enfraqueciam o corpo, e com elle a alma, para que esta não comprehendesse as suas perfidias.

E era a religião que tudo operava!

Não era um fim, era um meio... digo mal... era ambas as cousas.

Era uma, porque a religião não tem outro fim senão o de dar maior poder á authoridade, ou de tornar esta a mais santa e a mais tremenda.

Era outro, porque a religião é um meio politico; social, se os seus effeitos, fecundos, são seguidos e apreciados.

Mil vezes a moral! mil vezes o que nos dicta a razão e o coração: caridade! palavra magica, que os enviados de Deos nunca comprehenderam talvez.

Mais uma prova das nossas asserções é a lenda, que segue.

E' a verdadeira estupidez, promovida pela ignorancia, que então se apresenta.

E' a superstição.

E' a crença em falsas entidades, em falsas virtudes.

Julga-se com firmeza que assim é.

Crê-se que o espirito malevolo tem certos dons; quem os arranca tudo póde.

E esse fanatismo, filho de um machiavelico systema, é a crença.

Essa lenda estupida é a—crença.

A crença é a fé; a fé é a religião.

Essa lenda é a religião.

Estupida uma, a religião tambem o é.

A. S. O. C.

A Comedia do Ridiculo (*)

(TRECHOS)

VII

Deixando estes exquisitos deparamos com o Viscondo de Chateaubriand engraxando suas botas,—René perto delle com os preparativos para fazer a barba, e a pouca distancia, Atalá escarrapachada em um tamborete costurando uns calções para Chactas Mais longe Paulo e Virginia levantavam castellos de cartas de jogar, e Amadis de Gaula jogava o pião com Paulo de Kok. Eu estava pouco mais ou menos no estado em que se acham presentemente os leitores deste imbroglio,—aborrecido ao ultimo ponto.

VIII

Abaixo o methodo!... abaixo as regras!... abaixo a chronologia! —Viva a desordem, a confusão, a incoherencia e a falta de senso! —Desculpem-me, mas é este o meu gosto, e se alguem me criticar envio ao Fausto, ao Ashaverus, e á Divina Comedia. Apraz-me extraordinariamente uma mistura salina litteraria, palpito de prazer quando vejo Homero ao lado de José Daniel, Daphnis e Chloé no meio das alegres comadres de Wendsor, e Virgilio a lêr o *Almocreve das pêtas ou a Barca da carreira dos tolos!* Assim, continuemos.

Entrando em um segundo salão ainda mais vasto que o primeiro, D. Quixote entregou dous cartões, ou bilhetes ao Padre José Agostinho de Macedo que era o porteiro, e adiantamo-nos. As primeiras pessoas que vimos, foi Eugenio Pelletan que discutia com Galileo, o primeiro sustentava que—*O mundo marcha*, o segundo que—*O mundo não marcha, mas roda*, em torno dos dous estava uma grossa multidão de academicos allemães e astronomos italianos, e que pareciam prestar a mais profunda attenção ao astrologo do progresso, e ao descobridor da rotação terrestre. Como eram muito massantes estes senhores, proseguimos no nosso caminho e fômos parar diante de uma tripeça cheia de copos e garrafas, onde conversavam quatro immundos personagens.—Do Helicon e do Parnaso eu... —Cala-te, o teu Helicon não valle uma collina do Minho! interrompeu bruscamente um de olhos azues ao

(*) Continuação.

primeiro que fallava.—Coroemo-nos de flôres, bebamos!...—Antes isto! disse o dos olhos azues, mas deixemos de parte o amor e o vinho, dize tu lá alguma cousa, devasso velho. O devasso velho declamou:—Oh! Mecenas! tu és o astro que.... —Que, que?... deixa-te de Mecenas, ouve, e levantando-se bradou:

Pavorosa illusão da Eternidade
Terror dos vivos carcere dos mortos!

Um diluvio de palmas cobrio a voz do poeta!—Manoel Maria!... não pude deixar de exclamar,—então o autor de Medéa voltou se para mim, fez uma reverencia e murmurou,—Para servir a V. S. —Pois tu conheces semelhante sugeito? disse-me D. Quixote,— Sim respondi.—Louvo-te as amizades! Bocage tirava nesse instante uma immensa masca de fumo da algibeira e mettia-a sem ceremonia na bôcca, deixando uma grossa protuberancia na face,— depois sentou-se e principiou a contar as ingratidões de Anarda e os episodios de sua viagem á Extremadura.—Passemos, passemos fallou D. Quixote puchando-me pelo braço, obedeci.

IX

.... Elle encostou sua face na minha, nossos labios se uniram, o livro me escapou das mãos! desde esse dia nós não lemos mais! Era uma bella morena com os cabellos soltos com os olhos cheios de lagrimas que dizia estas palavras, era Francesca de Remini! Atraz della estava seu disforme e monstruoso marido, em frente o Dante confrontando as suaves expressões da Italiana com o episodio do Inferno,—a seus pés Silvio Pellico escrevendo a sua tragedia, o Zanze, e Beatrix cheios de ciume a observal-os de longe. Um suspiro abafado escapou-me dos labios, passei adiante. Vi então Petrarca em fraldas de camisa, e embrulhado n'um lençol enchugando-se ainda do seu ultimo banho de Vaucluse, Metestasio fazendo palitos e Manzoni decorando um hymno em honra de S. Pedro. Como já estava algum tanto cansado convidei a D Quixote para sentarmo-nos e observar mais em socego o que se passava de redor, isto feito, chegou-se a mim o proprietario de um volumoso nariz e de umas pernas abstractas, o qual me entregando um papel disse-me:—estimavel senhor, eu sou o cavalheiro de Ferney, trago-vos este abaixo assignado, para quando chegardes a vossa terra, entregar ao ministro ou presidente da instrucção publica, tende a bondade de lêr. Abri o papel e vi o que se segue:

«Nós abaixo assignados, authores da Henriada, Paraiso perdido

e Telemaco, sendo sabedores que no Brasil, e mesmo em Portugal, profana-se nossas obras primas, espalhando-as pelas infimas escólas, e dando-se a meninos que principiam a soletrar os rudimentos da lingua, e não podendo os supracitados meninos comprehender o fundo e a belleza de tão grandes epopéas, pedimos que quanto antes lhes sejam arrancadas, e collocadas nas competentes Bibliothecas, ficando em seu logar outras de mais facil comprehensão e de mais simples enredo, que nos incumbimos de apresentar. Eil-as —Carlos Magno,—Princeza Magalona, Imperatriz Porcina, Pelle de burro, Trez corcovados, João de Calais, Piolho viajante, Barão de Monckausen, e Simão de Nantua. Acreditamos que em attenção á justiça do nosso pedido seremos attendidos. — *J. M. Arouet de Voltaire.—Salignac de Fenelon.—João Milton.* »

Fagundes Varella.

POESIAS

O Canoeiro

Rema, rema, remador,
E cantan o teu amor
Não deixes ir á tôa
Rolando na lisa prata
Sobre as pedras, onde bata
A tua gentil canôa.

Ves a lua a desmaiar ? . . .
Pouco falta clarear,
E os astros cambaleião
Como varios e bacchantes,
Uns ébrios, extravagantes,
E tontos mal clareião . . .

São horas de assombramento,
Do phantasma lutulento,
Se môcho além piou . . .
Não te entregues ao terror,
Antes resa remador,
Por esse que findou . . .

E na lympha que se escôa,
E corta a ponta da prôa,
Se vires n'um tremor
Alguem que supplica e chora,
Oh por Deos mandai-o embora,
Resando : « Eu peccador »

Mas nunca largues o remo,
E se o fizeres, eu temo
Que possa se afundar
O lenho da salvação,
E tu nadaras em vão
Sem a terra chegar.

Prosegue com sangue frio
Cortando as aguas do rio,
Em vindo no oriente
Mensageiro de bonança
Te dara a confiança
Com a sua luz nascente.

Então veras n'um painel,
Na curva deste docel,
Abrindo-se a cortina,
A paisagem variada
Com côres vivas traçada
Que o viajor fascina.

Bem alegre, camoeiro,
Solta teu canto fagueiro
Ao nascer do arrebol,
Em nome da tua amada
Na casinha circulada
Dos raios deste sol.

A tua voz que se dilata
Das aguas até na matta
Onde deslisa e sôa,
Causa muita sensação
Ao correr da embarcação
Ao ferir da agil prôa.

Eis a cidade chegada,
Não penses na namorada,
Põe joelhos em terra,
Adorai a realeza,
O completo da lindeza
Que meu paiz encerra.

S. Paulo,—1863.

H. Marques de Carvalho.

Como esquecer-te?...

A' R...

....Viens savoir que mon cœur
N'a pu de ton visage oublier la douceur.
A. Chénier.

Como esquecer-te, se por ti suspiro,
Como esquecer-te, se meu peito é teu?
A minha esperança só em ti existe,
És tu sómente o futuro meu!

Como esquecer-te, se meu peito ainda
As chammas sente dos olhares teus?
Não creias, virgem, esquecer-te.... nunca,
Nunca descreias dos protestos meus!

A vez primeira que te vi—amei-te,
E desde então meu pensar foi teu,
A minha esp'rança só em ti existe,
És tu sómente o futuro meu!

Quando sósinho eu corria o mundo,
Sem ter na vida um prazer sequer,
Quando a descrença me lavrava o peito,
Eu encontrei-te, sem pensar, mulher!

E desde então meu seismar foi teu,
A minha vida só em ti depuz,
Creou meu peito uma crença nova,
Jurei amar-te pelo Deus da Cruz!

Como esquecer-te, se tu és minh'alma?
Como esquecer-te, se eu já sou teu....
Como esquecer-te, se tu és a vida
Que corre dentro d'este peito meu?...

Não creias, virgem, que te esqueça um dia,
Embora a sorte me retenha ausente;
Mesmo distante cantarei teu nome
E o puro amôr que meu peito sente!

S. Paulo—1863.

R. da Motta de Azevedo Corrêa.

A Revista da Academia Litteraria é a continuação da do Recreio Instructivo.

S. Paulo.—1863.—Typ. Litteraria, rua do Imperador n. 12.